

Parte I

LOCAL DE CRIME

Para um perito criminal, um local de crime costuma ser o início de todo aprendizado. Não à toa, “A Peleja do Diabo com o Perito Criminal” surgiu em um lampejo quando decidi escrever em versos. Sendo o cordel mais divulgado, tem lugar de destaque nesta coletânea. Ao longo dos anos, outros locais vieram e, com eles, novas inspirações. Seja um encontro metafísico com Zé Limeira, em “O Encontro do Poeta do Absurdo com o Perito Criminal”, seja outra peleja com o tinhoso, em “O Perito que enganou o Diabo”, a literatura de cordel se fez presente ora alertando o público sobre a necessidade de se preservar um local de crime e acionar o perito, ora alertando os peritos sobre os riscos de uma cena de crime e a importância de não serem subestimados.

- Capítulo 1 -

**A PELEJA
DO DIABO COM
O PERITO CRIMINAL**



A Peleja do Diabo Com o Perito Criminal

Meu senhor, minha senhora,
Guri e até animal,
Vou lhes contar uma história
(Só não façam passar mal):
A peleja do diabo
Com o perito criminal.

O fato, pois, sucedeu
Durante uma lua cheia,
Tinha dois corpos no chão:
De Totinha e Zé da Meia,
Os cabra tavam estirados
Chei de formiga e areia.

Logo chegou a polícia,
E isolou o local
- Aqui ninguém entra, visse?
Nem Doutor, nem General,
Nós vamos ter que acionar
O perito criminal.

E agora, o que fazer
Pra resolver o assunto?
Não havia testemunha,
Só sangria dos defunto;
Junto de uns cacos de telha,
Um revólver e um presunto.



Xilogravura: José Costa Leite

Logo, logo, chega um cabra
(Pense num bicho esquisito!)
Com uma maleta na mão,
Chei de régua e gabarito.
Foi tirando um mói de foto,
O danado do perito.

Foi pra lá e foi pra cá,
Sobe aqui, baixa acolá,
Sai coletando os vestígios
Pra depois examinar.
De repente chega o diabo
E começa a atazanar:

- Peritinho, meu amigo,
Aqui'stôu pra te ajudar...
Vou te dizer o que houve,
Antes dos dois se matar,
Pois mal chegaram no inferno,
Foram logo me contar!

- Cão tihoso dos infernos,
É melhor deixar de treta,
Porque a ciência que uso
Não tem parte com o capeta,
Vou desvendar esse causo
Sem sequer fazer careta!

O diabo logo emendou:
- Foi Tota que matou Zé!
Deu um tiro no finado
E, no mei do rapapé,
Zé revidou com uma telha
E deixou Tota lelé.

O perito deu risada
E respondeu ao tihoso:
- Deixe de ser idiota,
Criativo e venenoso,
Pois ninguém matou ninguém,
Seu pé-de-cabra asqueroso!

- O coitado Zé da Meia,
Pela cachaça que exala,
Morreu foi tomando pinga,
Num tem nem furo de bala,
Foi pedaço de presunto
Que entalou durante a fala.

Já o infeliz do Totinha
Morreu pois foi ajudar
O finado do entalado;
Bem na hora e no lugar,
Cai-lhe uma telha na testa,
Do telhado a despencar.

Coisa-ruim ficou mofino
E disparou pro perito:
- Quem diabo é você?
Mas será o Benedito!
Pois bastou examinar
Que chegou ao veredito!

E o perito respondeu:
- Eu estudei para tal;
Meu trabalho é examinar
Droga, papel, animal,
Obra, defunto ou batida,
Caso seja criminal!



Xilogravura: Erick Lima

Eu trabalho com ciência,
Lógica ou Engenharia,
Contabilidade, Física,
Química ou Biologia;
Não me baseio em boato,
Tampouco em bruxaria!

Vade retro, Satanás,
Termina a conversa aqui,
Eu trabalho pra Justiça,
Para a verdade surgir,
Não vou deixar um chifrudo
No meu trabalho bulir!

Fim

*Texto finalizado em 24 de junho de 2012 (Dia de São João).
Publicado em outubro de 2012.*



Vídeo de evento realizado em Brasília/DF gentilmente cedido pela
Perita Criminal Federal Márcia Aiko Tsunoda.

- Capítulo 2 -

O ENCONTRO DO POETA DO ABSURDO COM O PERITO CRIMINAL



O Encontro do Poeta do Absurdo com o Perito Criminal ¹

Bem na Serra do Teixeira,
Nas terras paraibanas,
Houve um encontro inusitado
Entre figuras ciganas,
Cujas rimam ecoaram
Nestas bandas tropicanas...

Houvera um crime por lá,
Então chamaram o Perito,
A fim de se debruçar
Sobre o corpo de delito.
Mas, antes que lá chegasse,
Avistou algo esquisito...

Lá vinha um vulto na estrada,
Com viola e matulão,
Espingarda a tiracolo,
Bengala roçando o chão.
No pescoço, uma flanela
- Parecia assombração!

E, prosseguindo na rota,
O Perito viu chegar
Um caboclo sorridente,
Figura de impressionar
Por sua grande estatura
E ligeireza no andar.

¹ As falas atribuídas a Zé Limeira foram extraídas do livro "Zé Limeira, o Poeta do Absurdo" do poeta Orlando Tejo.

Diante de tal imagem,
Só lhe restou perguntar,
E assim fez o Perito:
- Queira se identificar,
Pois eu não creio em visagem...
Diga aí, quem vem de lá?

*“Quem vem lá é Zé Limeira,
Cantor de força vulcânica,
Prodologicadamente
Cantor sem nenhuma pânica,
Só não pode apreciá-lo
Pessoa senvergonhânica”*

- Zé Limeira, quem diria!
Nessa aí não caio, não:
O Poeta do absurdo
Já se foi deste sertão,
E depois dele não veio
Ninguém render-lhe o bastão!

*“O meu nome é Zé Limeira,
Cantor que não é pilhérico,
Mas já sofreu de alguns males,
Foi atacado de histérico,
Chame logo a junta médica,
Faça o exame cadavérico.”*

- Olhe que eu faço mesmo,
Se vim pra um, faço dois!
Deixa eu me apresentar
- Não vou deixar pra depois -
Sou Perito Criminal,
É melhor dar nome aos bois.

*“Peço licença ao truliso,
Dos olbus das periférias,
Dos chuás das pontilínias,
Dos chomotós das matérias,
Das grotas dos veluais,
Das mimosas deletérias.”*

– Já que transbordas ciência,
Também vou cienciar:
O trabalho que eu faço
Tem estudo pra danar,
Mas fujo à prosopopeia
Na hora de peritar!

*“O meu nome é Zé Limeira
De Lima, Limão, Limansa,
As estradas de São Bento,
Bezerro de vaca mansa,
Vala-me, Nossa Senhora,
Ai que eu lembrei agora:
Tão bombardeando a França!”*

– De Perito sou chamado,
Peritório, peritônio,
Peritinho ou expert.
Valei-me, meu Santo Antônio,
Padre Ciço e Dona Aurora,
Ai que eu lembrei agora:
Já venci até o demônio!²

As falas atribuídas a Zé Limeira foram extraídas
do livro “Zé Limeira, o Poeta do Absurdo” do poeta Orlando Tejo

² Referência ao cordel *A Peleja do Diabo com o Perito Criminal*, deste autor.



Xilogravura: José Costa Leite